

**A MATE COM ANGU E SUAS ESTRATÉGIAS CONTRA A EVASÃO ESCOLAR (1921-1937):  
DUQUE DE CAXIAS NA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA**Vilma Corrêa Amâncio da Silva – CEPEMEHD<sup>1</sup>**RESUMO**

O presente artigo é desmembramento da dissertação de mestrado “*UM CAMINHO INOVADOR: O Projeto Educacional da Escola Regional de Merity (1921-1937)*”, direcionado a História da Educação da Baixada Fluminense, com foco na Escola Regional de Merity, conhecida por Escola Mate com Angu. Tal instituição de ensino foi fundada e administrada até 1964, pela educadora Armanda Álvaro Alberto, a pioneira da Escola Nova no Brasil. Foi uma instituição inovadora e pioneira na questão social e pedagógica dentro do movimento dos renovadores da educação, principalmente na primeira década do século XX. Traz como pioneirismo a inserção de suas atividades tendo como público principal toda comunidade da Vila Merity, atual município de Duque de Caxias, na tentativa da diminuição da evasão escolar.

**Palavras-chave:** História da Educação; renovadores da educação; evasão escolar.

**ABSTRACT**

The present article is dismemberment of the master's degree dissertation "AN INNOVATIVE ROAD: The Education Project of the Escola Regional de Merity (1921-1937)." That has as research line the History of the Education of the Fluminense Area, focusing the *Escola Regional de Merity*, known by School “*Mate com Angu.*” Such teaching institution was founded and administered up to 1964, for the educator Armanda Álvaro Alberto, the pioneer of the New School in Brazil. It was an innovative

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Pesquisadora do Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense-CEPEMEHD.

and pioneering institution inside the social and pedagogic subject of the movement of the renovating of the education, mainly in the first decade of the 20<sup>th</sup> century. She brings as pioneering the insert of their activities tends as the main public every community of the *Vila Merity*, current municipal district of *Duque de Caxias*, in the attempt of the decrease of the school drop out.

**Key words:** History of the Education; renovating of the education, school escape.

Para construção dessa contribuição à História da Educação da Baixada Fluminense, tomaremos como objeto de pesquisa a Escola Regional de Merity, conhecida como “Mate com Angu” pelos moradores da então Vila Merity, atual município de Duque de Caxias. A literatura sobre a história da região,<sup>2</sup> a Baixada Fluminense, tendo como foco a Vila Merity, nos proporcionou compreender o programa do processo de escolarização local, assim como os objetivos das estratégias pedagógicas e sociais.

Tendo como área de pesquisa a História da Educação Brasileira, utilizamos como metodologia a análise documental. A apropriação desta metodologia nos conduziu a um processo de “garimpagem”, pois não foram raras às vezes em que os documentos não foram localizados, ou, quando localizados, estavam incompletos ou deteriorados, fazendo-se necessário receberem um tratamento “que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, [estabelecesse] a montagem das peças, como num quebra-cabeças”. De acordo com LÜDKE & ANDRÉ (1986, p. 39), os documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”. A partir dessa premissa utilizamos documentos como os relatórios anuais da escola, artigos de jornais, fotografias, documentos oficiais, entre outros. Neste viés, percebemos que a história é, em essência, o conhecimento por meio de documentos. Documentos que registram a vida cotidiana dos indivíduos e das instituições escolares, como forma de manter a memória viva. Assim, podemos dizer que a memória educacional brasileira através de suas diversas fontes surge como “a entrada em cena da opinião pública,

---

<sup>2</sup> FORTES (1933); FUCHS (1988); LUSTOSA (1958); TORRES (2004); BELOCH (1986); BRAS (2006); ENNE (2002); SOUZA (2002); MARQUES (2005), entre outros.

nacional e internacional, que constrói também a sua própria história” (Le Goff, 1994, p. 461).

Bourdieu (1993), através de suas obras, nos permite observar que só é possível compreender uma obra, seu valor ou a crença que lhe é dada após conhecer a história do campo no qual foi produzida. A partir dessa observação, ao analisarmos as fontes documentais da escola, alguns questionamentos foram florescendo. Sendo assim, se fez necessário uma pesquisa sobre o contexto histórico e social no qual a educação estava inserida. No entanto, foi necessário retrocedermos um pouco mais na história para que alguns pontos ficassem esclarecidos.

Iniciamos nossa pesquisa pela História da Educação, a partir do final do século XIX e a primeira metade do século XX, pois esse período nos proporcionará alguns esclarecimentos da escolha da fundadora da escola, a educadora Armanda Álvaro Alberto<sup>3</sup>, em consolidar seu projeto educacional na Baixada Fluminense.

Os caminhos encontrados nos conduziram às propostas educacionais elaboradas por intelectuais e educadores engajados na luta pela construção da consciência de nação a partir do final do século XIX, isto é, início da República. Discursos nacionalistas se propagaram, e um dos meios apontados como dos mais importantes na consolidação e afirmação da nação em bases modernas e civilizadas foi a educação (MAGALDI, 2003:419). Educadores, espalhados pelos diversos estados brasileiros, com seus experimentos empíricos – um verdadeiro laboratório de reformas, ideias e projetos – inspirados em sua grande maioria em modelos estrangeiros, buscavam formar novos cidadãos capazes de contribuir na construção de uma nova nação.

Era uma luta nacional de preparação do indivíduo para a sociedade de mercado, complexa e diferente... A nação brasileira nascia com o desafio de minimizar os efeitos das duas manchas que se confundiam: a da doença do analfabetismo, com o despreparo da população para a sociedade emergente, e a da debilidade física, com o distanciamento

---

<sup>3</sup> Armanda Álvaro Alberto, MIGNOT (2002) foi a pioneira da Escola Nova no Brasil. Foi signatária do Manifesto da Educação Nova no Brasil de 1932. Em 1924 foi sócia fundadora da Associação Brasileira de Educação - ABE, e presidente em 1933. Entre 1932 e 1934, participou na Comissão de Censura Cinematográfica do Ministério da Educação e Saúde Pública. VER: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. **Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto**. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

dos padrões mínimos de saúde em meio a um ambiente insalubre, fruto da irresponsabilidade pública. (BOMENY, 1993:1)

Nesse período, a nação procurava estabelecer o seu projeto político, redefinindo a própria república, fazendo ampliar a discussão sobre os rumos da educação no país, tornando-se um dos temas mais debatidos entre políticos, intelectuais e educadores. Uma das primeiras ações direcionadas à renovação da educação, em âmbito legal, foi o parecer da reforma do ensino primário apresentado por Rui Barbosa, em 1882. Expondo suas ideias sobre a educação de sua época, nesse texto expressou que seria indispensável uma renovação pedagógica usando como paradigma as iniciativas realizadas nos países mais desenvolvidos, o que, de certa forma, desqualificava as escolas e práticas desenvolvidas no campo da educação escolar no país, por considerá-las ultrapassadas.

Um intenso debate sobre a questão política da educação popular, tendo como questões centrais o conteúdo e método de ensino, assim como a melhor organização pedagógica para a escola primária, fez parte dos discursos proferidos pelos intelectuais e políticos da época.

Diferentes projetos intervencionistas no bojo da sociedade foram concebidos e implementados nas décadas de 1920 e 1930, com o objetivo de construir um país novo, “de um homem novo, sendo preciso, para isto, regenerar o brasileiro, tornando-o saudável, disciplinado, produtivo e educado” (CAMARA, 2003, p. 32). Como meio renovador a “nova pedagogia”, oriunda do movimento da *Escola Nova*, se reapresenta como tema nos debates entre os intelectuais da educação inseridos no movimento da *Escola Nova no Brasil*.<sup>4</sup>

E foi nesse contexto de debates e embates nacional que a Escola Regional de Merity foi idealizada e implementada...

### **NASCE A MATE COM ANGU...**

---

<sup>4</sup> O movimento da Escola Nova, diferentemente da pedagogia tradicional, apregoava que no centro da ação pedagógica estava a criança, inspirada em conclusões de estudos da biologia e da psicologia. Posteriormente, com o desenvolvimento da sociologia da educação, agregou seus conhecimentos, em face às novas exigências sociais, e propôs que a educação fosse investigadora das derivadas mudanças sociais.

A história de uma região traz à tona acontecimentos, atores e lugares comuns. Buscar entender a história de uma região, através dos personagens que, de alguma forma dela participaram, faz com que a análise historiográfica esteja aberta às experiências humanas e às transformações sociais ocorridas.

Penetrar no interior de uma instituição educacional sob uma análise histórica é tomar como objeto de estudo suas especificidades regionais e locais, suas práticas e ações pedagógicas, assim como os agentes que dela e nela participaram. Justino Magalhães (1996, p. 2) afirma que:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

Neste sentido, relatar a historicidade de uma instituição educativa como a Escola Regional de Merity nos incube de dar conta dos mais variados atores envolvidos no processo educativo. Investigar o interior e o exterior da escola, assim como seu cotidiano a partir de sua fonte documental, nos propicia um conhecimento mais aprofundado desse espaço social destinado aos processos de ensino e aprendizagem, através da apreensão dos elementos que constituíram um sentido único na história do cenário social local.

A pequena Vila Merity não passava de um pobre vilarejo com poucas ruas que convergiam para sua estação ferroviária e que se comunicava com seu arredor, além dos trilhos, por via fluvial<sup>5</sup> e algumas estradas. Sua população rarefeita, após uma epidemia de malária, subsistia com comércio de hortaliças, banana, mandioca e laranja. Com matérias primas extraídas das matas, produzia e comercializava a madeira e o carvão; também tijolos e telhas eram produzidos nas olarias da região.<sup>6</sup> A

---

<sup>5</sup> A região possuía, pelo menos, cinco pequenos portos: o de Estrela, na foz desse mesmo rio; o da Chacrinha na baía de Guanabara, próximo à foz do rio Merity, e os da Pedra, do Pico e do Bento, no próprio curso desse rio. “Nasce uma cidade – entrevista com José Luís Machado” – Jornal Tópico – 25/08/1958. p. 03.

<sup>6</sup> A produção de lenha, carvão, tijolos e telhas era bem significativa, pois “partiam diariamente dois trens especiais com lastros de lenha e carvão” e que “delas (as cerâmicas da região) saíram todos os tijolos com que foi construído o Cais do Porto do Rio de Janeiro”. Idem, de 25/08/1958 p. 08.

pobreza da região, sua característica rural, possibilitou a idealização de um projeto educacional voltado à camada menos favorecida da localidade.

A literatura sobre a história da Baixada Fluminense, nas primeiras décadas do século XX, nos relata o total abandono dos poderes públicos com relação à região da Vila Merity, o que acarretava graves problemas educacionais, sociais, econômicos e culturais para a população local. Implementar um projeto educacional numa região onde a falta de saneamento e as febres assolavam a população, significava travar uma luta constante para que a população reconhecesse e se reconhecesse com direitos sociais e culturais diferentes dos vividos e experienciados até então.

Segundo o professor Guilherme Peres,<sup>7</sup> a relação da professora Armanda Álvaro Alberto com a região de Meriti teve início no ano de 1920. Armanda, a convite de seu irmão, o Comandante Álvaro Alberto, veio à cidade para conhecer a fábrica de explosivos “Rupturita”, que funcionava em uns barracões a poucas quadras da estação ferroviária de Meriti.

Naquela manhã do ano de 1920, uma locomotiva puxando alguns carros de passageiros envolvidos no vapor, parou na pequena estação de Merity, hoje Duque de Caxias. Dentre os poucos viajantes que desembarcaram estava uma jovem bem vestida, que olhava curiosa as casas aninhadas ao longo da via férrea... Ao chegar àquele lugarejo, ficou sensibilizada com a população marginalizada que revoava em torno do pequeno comércio ali estabelecido. (PERES, s/d).

A partir dessa visita, a professora Armanda Álvaro Alberto, com o apoio de um grupo de amigos,<sup>8</sup> decidiu dar continuidade ao projeto de “escola ao ar livre” iniciado em Angra dos Reis em 1919, que era o de ensinar os filhos de pescadores a ler e escrever.

Antes de se chamar Escola Regional de Merity, a escola recebeu o nome de Escola Proletária de Merity. Há indícios de que, de início, o projeto era que a escola atendesse aos operários da fábrica de rupturita e seus filhos. Mas, devido a vários

---

<sup>7</sup> Ex-aluno da Regional de Merity, pesquisador e membro do Instituto de Pesquisas e Análises Históricas da Baixada Fluminense. Licenciado em Artes Gráficas pelo Departamento de Imprensa Nacional; Curso de História do Brasil pelo Departamento de Imprensa Nacional; Curso de Fotografia pela Fundação Calouste Gulbenkian.

<sup>8</sup> Heytor Lira, Pascoal Lemme, Edgar Süssekind de Mendonça, Francisco Venâncio Filho, Júlia Lopes, Belisário Penna, Flávio Lyra da Silva, Edgard Roquette Pinto, Álvaro Alberto da Motta e Silva, Corina Barreiros entre outros.

fatores, o atendimento ficou direcionado aos filhos dos operários e às crianças da localidade.

A história da instituição inicia-se em 13 de fevereiro de 1921, quando foi inaugurada a Escola Proletária Merity,<sup>9</sup> num barracão alugado pela fábrica de rupturita, situado no alto de um morro. Narrando a história local, o jornal “Tópico”,<sup>10</sup> em reportagem de página inteira, intitulada “Uma Instituição que Honra a Cidade”,<sup>10</sup> exibe uma fotografia desse barracão sem paredes onde se vêem os alunos sentados nos bancos e a cobertura de sapé. Ao fundo uma casa humilde coberta com telhas do tipo canal.

A escola era uma instituição voltada para o ensino primário, laica, particular, de cunho público, isto é, era gratuita, ninguém pagava para estudar. Sendo uma instituição gratuita, cabe ressaltar que, desde o início, teve como mantenedores a Fábrica de Rupturita (explosivos) da família Álvaro Alberto, e de um grupo de pessoas<sup>11</sup> que através de donativos ajudaram a concretizar e manter o projeto educacional.

Engajada na fundamentação da “Nova Pedagogia”, Armanda considerava indispensável à formação dos alunos e local de pertencimento para toda comunidade a formação de uma biblioteca. Inaugurava-se, juntamente com a escola, a Biblioteca Euclides da Cunha, e logo após foi-se organizando o Museu Regional, em parte, com as contribuições trazidas pelos próprios alunos, com espécimes da natureza da região. Tais iniciativas tinham como propósito contribuir com o desenvolvimento cultural e educacional dos moradores da cidade.

Como agentes da construção da história da Baixada, temos a imprensa local.<sup>12</sup> A imprensa escrita tem se configurado uma importante fonte de registros sobre a história da educação, nos possibilitando novos olhares e percepções. Nóvoa (1997, pp. 30-31), descreve que:

---

<sup>9</sup> Primeiro nome da Escola.

<sup>10</sup> “Uma instituição que honra a cidade” - Jornal Tópico, editado em Duque de Caxias, de 23 de agosto de 1958.

<sup>11</sup> Os primeiros a integrar-se ao grupo foram: Comandante Álvaro Alberto da Silva, Edgard Sússekind de Mendonça, Francisco Venâncio Filho, Heitor Lyra, Dr. Belisário Penna, Antônia Venâncio, Corina Barreiros, Dr. Ernesto Otero, Prof. Roquette Pinto, entre outros.

<sup>12</sup> Jornal Correio de Iguassú, Tópico, O Grupo, O municipal, Folha de Caxias.

Na verdade, é difícil encontrar um outro *corpus* documental que traduza com tanta riqueza debates, os anseios, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos dois últimos séculos. Todos os atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades... As suas páginas revelam, quase sempre “a quente”, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época.

A imprensa mostrou ser um dos agentes mais importantes na divulgação e preservação da memória do projeto educacional da Escola Regional de Merity, com sua produção cotidiana de matérias, exaltando e criticando o trabalho ali realizado; além de personalidades que contribuíram para o desenvolvimento econômico, político, cultural e educacional da região. No conjunto da produção jornalística localizamos diversos artigos relacionados à Escola, o que nos permitiu perceber a importância da instituição escolar. Assim como nos direcionou a visualizar os mecanismos e discursos utilizados pelo poder público na questão da cultura e da educação do município de Duque de Caxias.

A verdade é que os documentos nos mostram que o poder público não estabeleceu ações que almejassem a melhoria da educação e da cultural local. A única biblioteca existente na cidade e que atendia a população até 1964 foi a Biblioteca Euclides da Cunha, da Escola Regional de Merity. Em seu acervo poderíamos encontrar mais de mil publicações, entre elas, obras de Euclides da Cunha, Monteiro Lobato, Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilac, Felisberto de Carvalho, João Köpke, Hilário Ribeiro, Francisco Viana, Arnaldo Barreto, entre muitos outros. Quase todo o acervo foi doado pelos diversos colaboradores da escola. No caderno de empréstimos da biblioteca, constatamos que não só os alunos buscavam manter contato com a leitura, mas também seus familiares e professores. Em visita à escola, Yvonne Jean relatou:

Esta biblioteca, grande e clara, contém um número impressionante de livros infantis, romances, obras pedagógicas, científicas e de interesse geral. Ficavam à disposição de todas as famílias, cujo interesse pude verificar pessoalmente, pois diversas senhoras vieram trocar livros no dia da minha visita (JEAN, 1968, p. 143).



O Jornal “Grupo”<sup>13</sup> de 1957 já apelava criticamente aos poderes públicos essa questão. Em seu artigo “Caxias ainda não pode ter uma biblioteca pública” expõe que o então prefeito, o Sr. Francisco Corrêa, alegava não ter recursos financeiros para tal empreendimento, mesmo que os livros fossem doados, pois os custos com os demais utensílios como móveis, cadeiras, estantes seriam muito dispendiosos. Os reflexos desse descaso são sentidos até os dias atuais.

Através de mais uma postura inovadora para época, a Escola Regional de Merity foi a primeira instituição a oferecer, gratuitamente, merenda aos alunos. Os alimentos eram doados por comerciantes locais, colaboradores da escola, e, principalmente, pela família da professora Armanda. No entanto, quando não havia alimento suficiente para todos, a escola servia angu doce com mate (chá). Daí a origem do nome dado pela população da região à escola: “Escola Mate com Angu”.

Desde a fundação, a diretora e fundadora da escola, professora Armanda Álvaro Alberto, já explicitava a vontade de realizar, naquele espaço, na Vila Merity, uma escola regional; ficando claro que o nome Escola Proletária de Merity seria provisório:

Tanto a nossa atitude ainda é de quem não atingiu a sua meta – que o nome definitivo, Escola Álvaro Alberto, em homenagem à memória do Dr. Álvaro Alberto da Silva, seu Patrono, só lhe será conferido, quando a virmos mais próxima do tipo que idealizamos. Esforçamo-nos para que seja uma acabada escola regional; afeiçoada pelo seu próprio meio e que será capaz de reagir eficazmente sobre ele (Relatório anual 1921, p. 1).

O primeiro ano de trabalho da Escola, 1921, foi marcado por alguns sucessos e muitas dificuldades. Dentre as dificuldades para efetivar o projeto, o problema de saúde dos alunos e familiares era o mais preocupante. Um dos grandes problemas da localidade eram as constantes epidemias de malária e impaludismo. O problema das “febres” que assolavam a localidade de Merity passou a ser um dos maiores desafios para a continuidade do trabalho educativo.

Já no primeiro dia de matrícula, a diretora se surpreendeu com o número de mães que procuraram a escola para matricular seus filhos. A expectativa inicial era de trabalhar em média com 30 alunos, porém esta meta foi superada.

---

<sup>13</sup> Jornal Grupo: arte e cultura, Ano I, no. 1, maio de 1957.

No primeiro dia em que a Escola funcionou, 37 era o número de alunos matriculados; um mês depois, a 18 de março, eram 40; a 16 de abril, eram 47; a 10 de maio, eram 50; a 17 de junho, eram já 57; e a 29 do mesmo mês, 60 crianças freqüentavam as aulas. A casa e as carteiras não comportavam tanta gente. [...] E não tínhamos casa, nem professoras, nem programa para aquêlo bando de pequeninos (Relatório anual 1921, p. 4).

Com relação à instrução escolar da região, os dados obtidos através dos Relatórios Provinciais<sup>14</sup> nos indicam que, até os anos de 1930, o que possuíamos eram escolas isoladas regidas por professoras leigas. Boa parte da educação era informal, realizada no seio da família, onde noções de alfabetização eram dadas aos filhos, quando o capital social e cultural dos familiares permitia, caso muito raro entre os moradores. Ou então, as famílias conduziam seus filhos para estudar na Capital (Rio de Janeiro). De acordo com reportagem do Jornal Tópico, havia uma escola isolada, a Dona Cordélia, que funcionava com subvenção pública e, ficava situada próxima à Pedreira, no lado leste da estação, atual praça Roberto Silveira.<sup>15</sup>

José Lustosa (1958), com o título “Progresso do ensino em Meriti” cita que, apesar da população reduzida, pobre, região insalubre, precariedade de todas as formas, uma notável iniciativa particular *das primeiras letras*, com métodos de ensino modernos foi criada, a Escola Regional de Merity, a mais antiga instituição da cidade.

## **AS ESTRATÉGIAS SOCIAIS E PEDAGÓGICAS CONTRA A EVASÃO ESCOLAR...**

Inserida no contexto da vida social local, a escola a cada dia internalizava as questões regionais que estavam intrinsecamente ligadas ao programa geral da instituição. O espaço escolar ampliava suas atividades além dos muros, abraçando o ensino regional ao seu conceito de regionalismo.

Segundo os documentos escolares, o ensino regional, intimamente ligado ao conceito de regionalismo, deveria criar um sistema próprio de ensino, com

---

<sup>14</sup> Fonte: Relatórios Provinciais da Instrução Pública. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ.

<sup>15</sup> “Nasce uma cidade: Entrevista com José Luís Machado”. *Jornal Tópico*, 25 de agosto de 1958. p. 03.

metodologia e práticas específicas ao seu público. A Escola Regional de Merity, fiel ao seu regionalismo, considerava as crianças pobres da região de Merity seu público alvo.

... A regionalização do ensino, preceito de ordem metodológica e social, é para ambos, criança e povo, condição indispensável da própria compreensão, pois o povo e a criança, para abrangerem a realidade, precisam recebê-la através da região (MENDONÇA, 1968, p. 15).

Tomamos como fonte primordial os relatórios anuais, por possibilitar um olhar mais atento ao cotidiano escolar. Os relatórios, longe de representarem documentos burocráticos e enfadonhos, apresentaram-se como textos que convidavam o leitor a penetrar na história da instituição, despertando um sentimento de curiosidade; como retrata Carlos Drummond de Andrade:

Se os relatórios burocráticos são sempre envoltos numa camada de tédio, há outros, os escolares, que podem oferecer-nos a sugestão dos documentos sociológicos e mesmo o interesse dos romances. Contar a vida de uma escola, durante um ano, é tarefa que deveria seduzir o escritor, ou despertar em quem não o fosse o desejo de sê-lo, porque nada há mais rico de humanidade, mais cheio de problemas e sugestões, do que o funcionamento da comunidade escolar. Necessariamente, a narrativa do ano será tanto mais palpitante quanto maior for a integração da escola nos seus verdadeiros fins [...] O relatório não é, pois, coisa enfadonha. Saiba-se escrevê-lo, isto é, saiba-se ver o que está aí para ser visto, sentido e interpretado, e logo se conseguirá isto que, aparentemente, é tão difícil: interessar o povo na vida escolar (ANDRADE, 1968: 131-132).

O acervo documental da escola, como os relatórios, nos revela as dificuldades encontradas pela direção para a continuidade do trabalho. As crianças, aquelas que, por força maior, eram obrigados a abandonarem a escola, em busca de auxiliar no sustento familiar nas fábricas e nos serviços domésticos, *“...gente que tem que andar depressa, que aos 11, aos 10 anos, diz adeus à escola, por mais amiga que ela seja!”*. (ÁLVARO ALBERTO, 1968:48).

As descrições dos momentos de impasse e sucesso do projeto nos são delicadamente reveladas através da diretora por meio dos relatórios anuais. Esses nos

apontam os vários motivos que contribuíram para a evasão: as doenças (impaludismo, doença de Chagas, tuberculose, etc); necessidade de auxiliar nos serviços domésticos; o ingresso precoce no mundo do trabalho para auxiliar no sustento familiar; a não aceitação das famílias ao programa de ensino aplicado, etc.

Dentre os muitos mecanismos e estratégias para conter a evasão, a escola desde o primeiro ano mantinha, mesmo em período de férias, algumas de suas atividades. Eram ministradas as aulas de trabalhos manuais femininos, de Linguagem e as excursões ao Rio de Janeiro e vários locais da região. *“A ideia era não perder de vistas nossos educandos, ainda que em férias”*.(Relatório anual, 1923, p. 1). Além de não distanciar os alunos no período das férias, o propósito era o de dar seguimento e orientá-las para o ensino regional, nas disciplinas de História, Geografia e Ciência da Natureza; as crianças visitaram os rios, as lavouras, as fábricas, da região.

A diretora, mobilizada na continuidade do trabalho, implementou algumas ações ligadas à preparação dos alunos para o mundo do trabalho como estratégia para reter o alunado por um período mais prolongado na escola, já que muitos abandonavam o seio escolar logo no primeiro ano, não chegando a completar o ensino primário. Adequando-se à realidade social e econômica, e conhecendo as necessidades das famílias às quais assistiam, a diretora, juntamente com o grupo de sócios colaboradores, investiu nas aulas de trabalhos manuais. O trabalho, apesar de parecer pequeno diante do problema das crianças, começou a apresentar resultados que se refletiram na vida dos alunos e de seus familiares. A escola organizou exposições para a venda dos produtos produzidos por alunos e moradores nas aulas de trabalhos manuais femininos e masculinos.

A primeira exposição pública de trabalhos manuais foi realizada em 1924, na cidade do Rio de Janeiro, na Associação Cristã Feminina. A estratégia de venda dos produtos, em parte, colaborava no sustento familiar dos alunos. Cabe mencionar que a escola retirava 20% sobre o lucro das vendas na Exposição, ficando os 80% restantes para os alunos, familiares e moradores que dela participaram. Iniciativa que teve um significado especial no contexto escolar e social dos alunos e familiares.

Essa realização significa duas coisas: sensível progresso na educação manual de nossas alunas (digo alunas porque os trabalhos manuais

masculinos estão muito atrasados) e probabilidade de não perdermos mais nossos discípulos, mal cheguem à adolescência, como tem acontecido até aqui, chamados que são pela luta da vida para as fábricas, os ateliers e os serviços domésticos... Vendidos, então, os trabalhos na Exposição, que pretendemos efetuar duas vezes por ano, e atendidas as encomendas que nos chegam, o laço econômico, sem dúvida poderoso, reterá até a conclusão do curso, o aluno necessitado. E não só as crianças são as únicas beneficiadas com essa iniciativa, as suas famílias e quaisquer outros moradores de Meriti – como desta vez se verificou – podem tirar seu quinhão de lucro, ajudando ao mesmo tempo a Escola e seus filhos... (Relatório anual, 1924, p. 4).

Não separado das atividades educativas e pedagógicas, no corpo do projeto de modernização e mudança visual da cidade, levando até a população as questões da higiene e do sanitarismo, a Escola criou o concurso “Janelas Floridas” onde os moradores participavam enfeitando suas janelas com flores naturais, como, também manteriam seus quintais limpos com construção de jardins e varandas enfeitadas com plantas de diversas espécies. *“Enfim, graças às mãos das crianças vêem-se hoje, aqui e acolá, janellas cheias de flores em Merity”*. (Relatório anual, 1923, p. 8) . O concurso “Janelas Floridas” foi mais uma estratégia de intervenção na vida local, criado com o objetivo e finalidade de “combater a fealdade e o desconforto de Merity, dar-lhe a alegria das flores e a sombra das árvores” (ÁLVARO ALBERTO, 1968:37).

Janelas Floridas, luxo de arte e de bom gosto num recanto poeirento e tristonho dos subúrbios da Leopoldina! Pois, a linda verdade é que, chegada a hora do concurso, várias choupanas ou casebres de barro e cobertas de palha ostentavam, nas suas janelinhas e muro de taipa, festões de verbena, de hera, ou de melão de São Caetano, em molduras graciosas e bem dirigidas! Mãozinhas brancas, pretas, caboclas ou mulatinhas, com auxílio das mãos paternas, já interessadas no caso que se tinham dedicado ao doce mister de beleza e de poesia (ALMEIDA, 1968, p. 60).

Indicações de melhorias para a região que se refletiriam na comunidade, também foram projetadas:

Por ora, nos contentamos em saber “que é preciso fazer”, ignorando o “como fazer”. Esses e outros velhos sonhos mais modestos, tal o da arborização das ruas mais povoadas, o do coreto para retretas domingueiras, etc. – nosso papel por enquanto é propagá-los,

mostrando-lhes a beleza e utilidade, esperando realizá-los ou que outros o realizem, até quando não podemos prever (Relatório anual de 1926, p. 10).

A escola prestou muitos serviços à comunidade pobre da Vila Merity. Entre suas atividades, voltadas à comunidade escolar e local, além de educação gratuita, fornecia remédios, médicos, dentistas, vestuário, calçado, cursos para as mães, palestras, etc., o que possivelmente lhe garantia representatividade política e social.

Um dos discursos da diretoria da escola para sua prática assistencial era de que *“a pobreza e a doença eram a regra”* entre o alunado e a comunidade local (ALBERTO, 1968, p. 40). Uma outra posição posta no discurso, que denunciava a total precariedade da região, talvez ironizando o descaso dos poderes públicos com a população local, era assim expressa:

Sem a iniciativa particular, o Brasil, não resolverá tão cedo o problema da educação de seu povo, simplesmente porque faltam à União e aos Estados os recursos financeiros suficientes (Idem, p. 41).

Cabe mencionar que observamos uma tênue ligação entre assistência social como política social e assistencialismo. Haja vista que, no Brasil, historicamente falando, as políticas públicas sociais vêm sendo marcadas *“pela provisoriedade e descontinuidade das ações e, via de regra, estão limitadas aos sintomas fenomênicos da pobreza”*.<sup>16</sup>

É preciso ressaltar que a pobreza e outros fenômenos a ela associados, como a fome, desnutrição, saúde pública, abandono, entre tantos outros, naquele momento histórico, mais especificamente no início do século XX, não seguiam ocultos no manto da caridade. A pobreza, aqui relacionada ao conceito assistencialista, é uma

---

<sup>16</sup> Edval Bernardino Campos, em seu artigo *“A assistência social vulgarizada: avesso do direito”*, contempla uma reflexão sobre a assistência social e o assistencialismo tomada como política que integra as estratégias adotadas pelo Estado, tendo como foco as ações destinadas às mais variadas manifestações da pobreza. CAMPOS, Edval Bernardino. *A assistência social vulgarizada: avesso do direito*. *Trilhas*, Belém, v. 2, n. 1, pp. 42-48, julho, 2001.

manifestação social, historicamente identificada com as sociedades promotoras das desigualdades sociais (CAMPOS, 2001, p. 41).

Para o enfrentamento diante ao abandono dos alunos e suas famílias às atividades escolares, a escola juntamente com um grupo de amigos médico-sanitaristas realizavam palestras sobre a saúde popular no cinema da cidade. Muitas foram as iniciativas da Escola voltadas para a educação higiênica dos alunos e de toda a comunidade. Dentre elas, as conferências realizadas pelo Dr. Belisário Penna a convite da diretora Armada Álvaro Alberto, no modesto cinema da cidade, o Cine Merity. As conferências, segundo a diretora da escola, *“foi o traço de união definitivo entre a Escola e a população de Merity”* (Relatório anual de 1925, p. 3). Acompanhando o Dr. Belisário, também proferiram palestras na mesma conferência o Dr. Savino Gasparini e o Dr. Floriano de Araújo Góes. O ciclo completo foi de 7 conferências acompanhadas de apresentação de filmes relacionados à educação sanitária e outras questões sobre a saúde. Foram apresentados os seguintes filmes: Educação sanitária do povo; Verminoses; Impaludismo; Sífilis; Sífilis (para homens); Alcoolismo e Tuberculose.

No tocante às estratégias de cunho social, direcionadas às mães dos alunos e às demais mulheres da cidade, cabe-nos mencionar o *“Círculo de Mães”*, criado em 1925, onde estas aprendiam noções de higiene, puericultura, educação familiar, economia doméstica, entre outras atividades. Nas reuniões do Círculo de Mães, as mulheres da cidade aprendiam a aplicar seus conhecimentos culinários e artísticos, também como instrumento de auxílio ao sustento familiar. Na troca de conhecimentos aprendiam a bordar, costurar, cestaria e tapeçaria. Os produtos ali fabricados eram expostos nas festas escolares e outros eventos para serem comercializados. Por meio dessas práticas, a escola, por ação de sua diretora e colaboradores, de certa forma, contribuiu para a diminuição da evasão escolar. Segundo a diretora da escola, *“este [foi] o vínculo definitivo entre a Escola e a família dos alunos”*.

Por suas ações no âmbito da *“nova pedagogia”* vinculada ao meio social, a Escola foi referência importante na reflexão da Associação Brasileira de Educação – ABE. Suas ações eram divulgadas nas redes de comunicações como o rádio e os jornais das grandes capitais brasileiras. Grupos de professoras e normalistas das escolas da capital passaram a visitar a escola. Até mesmo professoras de outros estados vinham

fazer pequenos estágios e conhecer mais de perto o trabalho realizado. Associações como a Sociedade Nacional de Agricultura e prefeituras também se interessaram em conhecer a experiência realizada na Regional de Meriti.

Membro integrante e ativo no movimento da Escola Nova no Brasil, Armanda Álvaro Alberto, assim como seus pares engajados no projeto educacional da Regional de Merity, esteve sempre dialogando com a população local e o poder público. De acordo com LEAL (2003, pp. 58-59), o modelo de Escola Nova foi considerado pelos intelectuais e educadores engajados na causa da educação o mais apropriado à ampliação da oferta de serviços públicos, postulando que a democracia poderia e deveria ser um *habitus*<sup>17</sup>, apreendido e exercitado no ambiente escolar.

Tomando como referência de inovação educacional, Lourenço Filho apontou a Escola Regional de Merity a mais completa experiência de educação renovada pela intenção socializadora, pelos procedimentos didáticos e pela compreensão de cooperação na obra da escola, tendo suas atividades um cunho social marcante.

## **FONTES DOCUMENTAIS**

“Caxias ainda não pode ter uma biblioteca pública”. *Jornal Grupo: arte e cultura*, Ano I, nº. 1, maio de 1957.

“Uma instituição que honra a cidade” - *Jornal Tópico*, s/p, de 23 de agosto de 1958.

“Nasce uma cidade: Entrevista com José Luís Machado”. *Jornal Tópico*, p. 3-2º caderno, 25 de agosto de 1958.

Relatórios Anuais da Escola Proletária de Merity – 1921 a 1964

Relatórios Provinciais da Instrução Pública. Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro - APERJ.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALBERTO, Armanda. *Escola Regional de Meriti: documentário 1921-1964*. MEC-INEP-CBPE. Rio de Janeiro, 1968.

---

<sup>17</sup> Refere-se à possibilidade da escola, em seu processo de socialização, de gerar disposições duráveis e que habitem os indivíduos para a vida social.



ALMEIDA, Júlia Lopes de. Um maço de cartas. In: ÁLVARO ALBERTO, Armanda. *A Escola Regional de Merity: documentário (1921-1964)*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, pp. 57-62, 1968.

ANDRADE, Carlos Drummond. Uma Escola Vive. In: ALBERTO, Armanda Álvaro. *A Escola Regional de Meriti: documentário (1921-1964)*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, pp. 131-135, 1968.

BOMENY, Helena. Novos talentos, vícios antigos: os renovadores e a política educacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 11, pp. 24-39, 1993.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1993.

CÂMARA, Sônia. “Progredir ou desaparecer”: o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932 como itinerário para a construção do Brasil moderno. In: MAGALDI, Ana Maria e GONDRA, José G. *A reorganização do campo educacional no Brasil: manifestações, manifesto e manifestantes*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

CAMPOS, Edval Bernardino. A assistência social vulgarizada: avesso do direito. *Trilhas*, Belém, v. 2, n. 1, pp. 42-48, julho, 2001.

CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da República*. Brasília: UnB, p. 70, 1981.

LEAL, Maria Cristina, PIMENTEL, Marília Araújo Lima. *História e memória da Escola Nova*. São Paulo: Loyola, pp. 58-58, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOURENÇO FILHO, M. B., 1897-1970. *Introdução ao estudo da escola nova: bases, sistemas e diretrizes da pedagogia contemporânea*. 14. ed., Rio de Janeiro: EdUERJ: Conselho Federal de Psicologia, p. 267, 2002.

LÜDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E.P.U., 1986.

LUSTOSA, José. *Cidade de Duque de Caxias: desenvolvimento histórico do município – dados gerais*. Rio de Janeiro: Gráfica do IBGE, 1958.

MAGALDI, Ana Maria B. de M.. Educando a família, construindo a Nação (anos 1920/30). In MAGALDI, A, ALVES, C. e GONDRA, J. (Orgs.). *Educação no Brasil: história, cultura e política*. Bragança Paulista: EDUSF, pp. 419-444, 2003,.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. *Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas*. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MENDONÇA, Edgar Sussenkind. A Escola Regional de Meriti (realizações e projetos). *A Escola Regional de Meriti: documentário (1921-1964)*. Rio de Janeiro: INEP/MEC, pp. 13-15, 1968.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Baú de memórias, bastidores de histórias: o legado pioneiro de Armanda Álvaro Alberto*. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

NÓVOA, A. A imprensa de educação e ensino: concepção e organização do repertório português. In: CATANI, D. B.; BASTOS, M. H. C. (Orgs). *Educação em Revista. A Imprensa Periódica e a História da Educação*. São Paulo: Escrituras, pp. 11-31, 1997.

PERES, Guilherme. *Armanda Álvaro Alberto e a Escola Regional de Merity*. Artigo do arquivo público IPAHB, s/d.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910)*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.

Recebido em 09 de março de 2014.

Aceito em 14 de abril de 2014.